

Um teste de resistência Da estrangeiridade em Marília Garcia

Pedro Eiras

Universidade do Porto, Portugal

Abstract In her text “The poem in the test tube”, Brazilian poet Marília Garcia recalls the global Ebola outbreak of 2014 and recounts a personal memory: the numerous tests and examinations she underwent at the Office français de l’immigration et de l’intégration during a stay in France. In this context, the immigrant is someone that must be tested. What relationships are thus established between foreignness and suspicion of disease? How does Marília Garcia’s poetry – between namely *Parque das ruínas* (2018) and *Expedição: nebulosa* (2023) – allow us to question history and geography, resist testing devices, and question the boundaries of the world?

Keywords Marília Garcia. Parque das ruínas. Expedição: nebulosa. Immigrant. Illness. Test.

Sumário 1 Os países que testam pessoas. – 2 A literatura e o mundo. – 3 Um mapa falante. – 4 Patologização do estrangeiro. – 5 Um teste oftalmológico.

1 Os países que testam pessoas

Em 2018,¹ Marília Garcia publica um livro intitulado *Parque das ruínas*. É um texto de classificação difícil: pode ser lido enquanto poema, narrativa, diário, ensaio, ou outra forma carente de classificação, como se desafiasse a identidade dos géneros, a fronteira entre as formas literárias. Híbrida, metamórfica, experimental, esta escrita contesta os modelos reconhecíveis e tradicionais: se conhece e convoca as fronteiras dos géneros, é só para as colocar em debate e experimentar a deriva das identidades. Ou, para usar uma expressão de Joana Matos Frias no posfácio à edição portuguesa do livro, a escrita de Marília Garcia define-se por uma «incessante problematização dos meios e modos de expressão e de representação, flagrante numa auto-reflexividade ininterrupta que nunca prescinde da exposição dos poderes e fragilidades do dispositivo» (Frias 2022, 89). E talvez as palavras que me interessam mais nesta leitura sejam, precisamente, ‘fronteira’ e ‘fragilidade’.

Parque das ruínas divide-se em duas partes e um breve *post-scriptum*. A primeira parte intitula-se também «parque das ruínas», e a segunda, que será central nesta minha leitura, «o poema no tubo de ensaio» (título que demonstra desde já o exercício de uma problematização e a instauração da auto-reflexividade: Marília Garcia escreve um poema que analisa a própria poesia, uma análise que problematiza a própria ideia de análise). Esta segunda parte do livro coloca em causa a ideia de fronteira, mas agora num sentido geo-político. Vejamos: a enunciadora lembra o surto mundial de ébola em Outubro de 2014; recorda que «um homem vindo da guiné foi internado no paraná | com suspeita de estar contaminado com a doença» (Garcia 2018, 57); e, embora o teste laboratorial tenha dado resultado negativo, certo é que «passou a levantar algumas questões éticas | ligadas à possibilidade de patrulhamento das fronteiras» (58).

Após essa contextualização, a narradora expõe uma história pessoal. Permito-me uma citação extensa:

precisei passar por um teste na semana passada
feito pela polícia francesa
embora eu tenha um visto que tirei no brasil
para passar 6 meses na França
ele precisa de uma ‘confirmação’ dos órgãos franceses
assim
precisei mandar de novo uma série de documentos para o OFII

1 Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Agradeço a Hugo Monteiro as gentis sugestões bibliográficas em torno da questão das migrações e da xenofobia.

office français de l'immigration et de l'intégration
[...]
aqueles que serão testados são chamados de *imigrantes*
primeiro os imigrantes passam por uma entrevista
e depois por uma série de exames
que inclui entre outros um teste oftalmológico
- em que devemos ler um texto do diderot -
e um raio-x do pulmão para ver se temos tuberculose
nesta última etapa devemos tirar a roupa
numa cabine e esperar
no frio de fevereiro que alguém nos chame para o raio-x
(58-9)

Finalmente, esta descrição dos procedimentos, tão rigorosa e pormenorizada, conduz a uma questão de grande angústia: «se eu não conseguisse ler o Diderot | será que me mandariam | embora?» (59).

Para ler esta narrativa, em suma, é preciso interrogar as ideias de fronteira e nacionalidade, teste e doença, viagem e deportação. Mas também, cruzando todas essas interrogações, compreender que eles se estabelecem, insidiosamente, entre a condição de estrangeira e a suspeita de doença. Ou seja, qualquer travessia destas páginas tem de lembrar sem descanso que a enunciadora é brasileira e o local do teste é a França. De um lado temos a «polícia francesa», os «órgãos franceses», o «*office français de l'immigration et de l'intégration*»; do outro, «aqueles que serão testados», e que «são chamados de *imigrantes*», mesmo quando pretendem apenas desenvolver pesquisas científicas em França durante um semestre. Eis então o dispositivo: de um lado, os que chamam, do outro, os que são chamados; de um lado, os que testam, do outro, os que são testados; de um lado, aqueles que têm o poder, a incumbência, a legitimidade para avaliar, do outro, os que não podem senão submeter-se à avaliação. E, a separar esses dois mundos, a fronteira; ou seja, uma relação de poder, vigilância, suspeita, catalogação, implicando uma entrevista, um exame oftalmológico, um despiste da tuberculose.

Nesta divisão do poder e da obediência, ser estrangeiro consiste em ser objecto de um teste.

2 A literatura e o mundo

Antes de regressar a essas páginas angustiantes de *Parque das ruínas*, vale a pena lembrar que os livros de Marília Garcia convocam explicitamente inúmeros lugares, viagens, nacionalidades e, por vezes, fronteiras ou problemas com vistos.

Por exemplo, em *20 poemas para o seu walkman* (2006) – título que imediatamente convoca a ideia de deslocação, decerto uma apazível

flânerie –, encontramos referências a Nova Iorque, Barcelona, Leeds, a Polónia, a Patagónia, Hong Kong; locais como a Victoria Station, o Trocadéro, a Rue de Fleurus, o café Gioconda, e várias estações de metro de Paris; um poema chega a oferecer no seu título coordenadas geográficas – «39°34'13.26''N 2°20'49.50''E». Surgem nestes poemas navios, *ferries*, aviões, metros, incluindo referências à *carte Orange*. A língua portuguesa cruza-se com versos em inglês, francês, espanhol. Em suma, a escala deste universo poético é multicontinental, se não mesmo planetária, e a profusão de lugares parece sugerir menos uma cartografia rígida e finita do que um incessante fluxo de movimentos. Donde uma importante consequência: qualquer habitação é temporária ou acidental, o ser humano encontra-se num nomadismo extremo, que o transforma mais do que o define. *Homo viator*, portanto, ou talvez: *Femina viator*.

Vejam os mais alguns exemplos, agora de pessoas que se encontram fora dos seus países, quer dizer, migrantes, emigrantes, imigrantes. Em *Parque das ruínas*, Marília Garcia evoca uma exposição do pintor francês oitocentista Jean-Baptiste Debret. Debret, fazendo uma «viagem pitoresca ao Brasil colonial» (Garcia 2018, 16), «logo se impressiona com o que vê nas ruas: um grande número de escravos | convivendo com europeus recém-chegados | uma mistura de pessoas e temporalidades diferentes» (19), quer dizer: um francês encontra no continente americano escravos africanos e colonos europeus. Talvez se possa concluir que todos aqui são estrangeiros, todos estão em movimento, sejam os colonos que perseguem a riqueza fácil, sejam os escravos criminosamente sequestrados na outra margem do Atlântico, seja o pintor curioso com aquilo que é, para ele, o exótico Novo Mundo. E se os europeus invadem e exploram o Brasil, *Parque das ruínas* apresenta mais adiante um segundo exemplo de migração (talvez mesmo um contra-exemplo): Marília Garcia evoca um seu tio que, quando o Brasil entrou na II Guerra Mundial, «se voluntariou para ir à guerra como médico» (39). Ou seja: desta vez, um homem brasileiro que se desloca até à Europa, para socorrer soldados europeus. Em contraposição às pinturas de Debret, podemos então ler as cartas que esse tio escrevia algures em Itália e enviava à sua família brasileira, citadas e pensadas por Marília Garcia, numa escrita que se aproxima do *patchwork* ou do dialogismo.

Como compreender esta profusão de topónimos e cartografias? *Parque das ruínas* parece designar todas as suas figuras, históricas ou familiares, a partir de uma indicação de lugares: pontos de partida, pontos de chegada, permanências efémeras, nomadismo. A identidade define-se pela localidade, ser consiste em estar num determinado local, ou entre locais. «Na cartografia de Marília Garcia, as imagens se sobrepõem como se compusessem um entre-lugar», escreve Pablo Simpson (2013) a propósito de outro livro da autora, sintomaticamente intitulado *Engano geográfico*, e remetendo para o conhecido conceito

de «entre-lugar» tal como cunhado por Silviano Santiago (2019). Para o *Homo viator*, que não acredita num lugar próprio, todos os lugares são entre-lugares: toda a habitação é uma estadia no estrangeiro.

Em rigor, decerto nem se deveria poder delinear uma diferença entre o sujeito, numa identidade pura, e os lugares que habita ou atravessa. O sujeito é a própria vivência desses espaços, a história da sua deslocação, a experiência do nomadismo e da entrada no espaço do outro; a identidade depende do atrito que se gera perante a alteridade do mundo. Ou, como escreve Marília Garcia, em *Um teste de resistores*,

o procedimento de fazer uma viagem
me leva ao lugar me leva ao *ter lugar*
na leitura do outro
(Garcia 2014, 37)

Dito de outro modo, a identidade do eu depende do olhar do outro, o texto próprio depende de uma leitura exterior, de um atrito: o atrito que o francês Debret encontra no Brasil, que o tio brasileiro encontra em Itália, que a narradora de *Parque das ruínas* encontrará – dolorosamente – em França. O lugar próprio revela-se através do lugar estrangeiro; e a «leitura do outro» constitui a matéria mais íntima do próprio sujeito *viator*. Como escreve Achille Mbembe, em *Políticas da inimizade*, «aquilo que muitos se recusam a admitir é que, no fundo, somos feitos de pequenos empréstimos de sujeitos estrangeiros e, conseqüentemente, seremos sempre *seres de fronteira*» (Mbembe 2017, 54). Neste sentido, será preciso reinventar a palavra «fronteira»: transformá-la, de muro intransponível, em lugar de partilha.

3 Um mapa falante

Gostaria de observar outro lugar (outro entre-lugar?) de Marília Garcia, agora no volume muito recente *Expedição: nebulosa* (2023). O livro inclui um longo poema-sequência intitulado «Então descemos para o centro da terra», definindo-se explicitamente como uma catábase (alguns versos teorizam, metatextualmente, sobre esse *topos* clássico, a descida ao reino dos mortos, melancólica travessia da fronteira última, confronto com a extrema alteridade daqueles que já não vivem).

A abrir, porém, Marília Garcia começa por perguntar o que é um mapa:

[1. *o mapa como tela*]
a primeira anotação que faço
é de uma etimologia que encontrei

para a palavra «mapa»
do latim *mappa* guardanapo
para saraiva deriva do siríaco *ma pal*:

aquilo que faz sair que chama para fora

o mapa dá a impressão de uma espécie de
toalha lençol tela
assim pego o caderno
e escrevo
(Garcia 2023, 86)

Antes de descer ao reino dos mortos, antes da profundidade, interroga-se a superfície (o mapa é, para começar, toalha, lençol ou tela – do mesmo modo que o caderno, acrescente-se, é também uma superfície sobre a qual se escreve). Mas a interrogação da etimologia leva a uma (re) definição mais aguçada, e sobretudo mais dinâmica, de «mapa»: «*aquilo que faz sair que chama para fora*». Ou seja, a superfície estática deve conduzir a uma viagem (extática?), o registo fixo dos lugares converte-se numa injunção ao movimento e à metamorfose: o mapa faz sair, chama para fora, convida a atravessar o espaço, as fronteiras, a devir nómada e estrangeiro. Ou seja, a definição de ‘mapa’, o modo como se decide descrever o mapa – é já uma operação de ancoragem ou de errância.

Mas esse é apenas o primeiro passo, ainda num percurso horizontal: a narradora atravessa a cidade, descreve o que vê. Encontra, por exemplo, árvores, raízes invadindo os passeios, prédios. E, a partir do mapa pré-existente, ou talvez contra ele, tenta pensar um mapa que dê conta do estático e do extático, do presente e do passado, dos vivos e dos mortos. Permito-me novamente uma extensa citação:

[12. *a figueira da tutoia*]

de volta à minha linha pela rua tutoia
chego até a figueira

ela quase não cabe no canteiro
as raízes saem pra fora
mesmo assim a ponta do iceberg é imensa
é difícil imaginar
o que existe debaixo da terra

«tutoia» em tupi significa lençol de areia

e eu fico imaginando uma espécie de fluxo de areia
passando por essa rua
mas «tutoia» também tem outro sentido

durante a ditadura militar
esse era o termo usado eufemisticamente
para designar o *doi-codi*
destacamento de operações de informação —
centro de operações de defesa interna
órgão submetido ao exército
onde presos políticos foram covardemente

torturados e assassinados
a sede do *doi-codi* funcionava bem ali na rua tutoia
neste ponto exato: no prédio que fica em frente
à figueira junto com
uma delegacia de polícia

ao ver a árvore
penso primeiro nos fantasmas que rondam esse prédio
depois penso na pesquisa das
mimosas sobre a memória das plantas
e fico imaginando debaixo da terra
o eco das memórias de cada uma
das raízes

o que será que existe no lençol de areia da rua tutoia?
(Garcia 2023, 100-1)

Eis, então, uma muito peculiar cartografia. Ela implica uma *flânerie* na cidade, e sua marcação possível num mapa, como registo fixo de factos objectivos; mas esse percurso horizontal confronta-se com a possibilidade do mergulho nas profundezas: raízes da figueira, iceberg metafórico, «é difícil imaginar | o que existe debaixo da terra», ou seja, é difícil imaginar aquilo para que não existe qualquer mapa.

Essa experiência incartografável acontece através da polissemia de 'tutoia', e o mergulho nas profundezas vai dar-se por uma interrogação da palavra, do nome, da linguagem. Uma operação linguística desafia a operação cartográfica: 'tutoia' «era o termo usado eufemisticamente | para designar o [...] | órgão submetido ao exército | onde presos políticos foram covardemente | torturados e assassinados». Eis aonde leva o mapa, a *flânerie*, a atenção à linguagem, a sensibilidade para uma profundidade subjacente, o inconsciente da cidade: «a sede do *doi-codi* funcionava bem ali na rua tutoia | neste ponto exato». É preciso, assim, conceber um mapa como «aquilo que faz sair que chama para fora», um mapa que lança o *flâneur* – ou a *flâneuse* – num percurso que não é apenas geográfico mas também histórico, assombrado pela história: «ao ver a árvore | penso primeiro nos fantasmas que rondam esse prédio». Como escreve Juliana de Assis Beraldo, lendo precisamente o poema de

Expedição: nebulosa, produz-se assim «um mapa afetivo que faz com que elementos distantes entrem em relação» (Beraldo 2025, 49).

O mapa coloca os elementos distantes em relação: aproxima aquilo que diverge, cruza aquilo que se separa, diz no presente da *flâneuse* o passado horrível da ditadura militar brasileira. No fim do poema-sequência, a narradora observa as raízes da árvore, baixa-se, encosta o ouvido ao chão, consegue ouvir um ruído subterrâneo: a voz dos mortos? Menos Eurídice do que o protesto dos torturados? O passado que reivindica reparação, outrora emergindo agora. Neste sentido, em Marília Garcia, o mapa pode ser o local de uma reinvenção do mundo, uma experiência de relação, a abolição das fronteiras.

4 Patologização do estrangeiro

Mas regresso finalmente a *Parque das ruínas*, às páginas em que a narradora, pesquisadora brasileira em França, é testada pelo Office français de l'immigration et de l'intégration. Aqui, a fronteira é o lugar de um teste, da nomeação do estrangeiro como ameaça, como potencial doente infeccioso. É um lugar de nomeação – «aqueles que serão testados são chamados de *imigrantes*», escreve Marília Garcia – e de humilhação – «para ver se temos tuberculose | [...] devemos tirar a roupa | [...] e esperar | no frio de fevereiro que alguém nos chame para o raio-x» (Garcia 2018, 59). O 'imigrante' é entrevistado, objecto de vários exames, como o teste oftalmológico ou a radiografia, é visto por fora e por dentro; os supostos saudáveis avaliam os potenciais doentes.

No estudo já clássico *A Sida e as suas metáforas*, Susan Sontag reflecte sobre os modos como o medo das doenças justifica, ao longo dos tempos, formas de paranóia xenófoba. Sontag lembra que partidos racistas de extrema-direita, como o Front National de Jean-Marie Le Pen, insistiam na descrição dos migrantes como «portadores de doenças» (Sontag 1998, 155) para justificar exames, quarentenas obrigatórias e, por fim, a própria proibição da entrada em França. Numa visão histórica panorâmica, Sontag sublinha ainda a especificidade da visão europeia, colonialista, lembrando que, no entendimento dos europeus,

a Europa é concebida como sendo à partida isenta de doenças. (E os europeus revelaram-se surpreendentemente insensíveis quanto à incomensuravelmente maior extensão da sua própria acção – enquanto invasores e colonizadores – ao introduzirem as doenças mortais *deles* no mundo exótico, 'primitivo' [...]). (143-4)

Neste corajoso ensaio, Sontag denuncia assim os modos como as doenças são matéria-prima para metáforas e narrativas racistas,

cruzamentos entre a ideia de epidemia e as políticas anti-imigração, bem como uma assimetria cruel implantada no imaginário do colonialismo: Europa saudável *versus* restante mundo doente. Na verdade, a Europa exportou doenças mortais, muitas vezes voluntária e estrategicamente, para o continente americano (ver Diamond 1997, 195-214). Tribos inteiras do Brasil foram dizimadas pelo contacto com vírus levados por colonos portugueses; e conquistadores europeus, entre os séculos XVI e XVIII, ofereciam aos nativos ameríndios roupas e cobertores infectados com varíola. Mas Sontag lembra que, segundo um preconceito generalizado entre os colonos, os estrangeiros não sofreriam tanto com as doenças (Sontag 1998, 145); e Judith Butler, em *Frames of War* (2016), mostra como, para o pensamento colonialista, nem todas as vidas são merecedoras de luto: as mortes dos próximos constituem verdadeiras tragédias, as mortes dos outros são apenas uma estatística.

Também Michel Agier, em *Aux Bords du monde, les réfugiés*, descreve um imaginário politizado da doença, ou uma patologização do estrangeiro migrante. O outro é descrito como sujo, contaminado, tendencialmente doente, e por isso deve ser isolado:

Nestes imaginários contemporâneos de estigmatização e de alteração física, reproduzem-se os termos do higienismo e, mais além, do pensamento racial imaginados no século XIX, em cujo seio se formou a própria ideia de segregação. Colocando em relação directa o corpo dos humanos com a política dos espaços, a segregação recebeu desde logo uma função de profilaxia, perante o risco suposto de um contacto próximo com populações diferentes. (Agier 2002, 60)

Ou seja, o limpo é oposto ao sujo, o saudável ao doente, a Europa ao restante mundo, visto como selvagem. Na fronteira, o outro – o ‘imigrante’ – é testado para verificar se pode integrar o mundo higiénico da civilização.

5 Um teste oftalmológico

Gostaria de terminar esta leitura regressando a um momento específico do teste que a ‘imigrante’ de *Parque das ruínas* realiza para entrar em França. Além da entrevista e do raio-x, recordo que existe «um teste oftalmológico | – em que devemos ler um texto do diderot –» (Garcia 2018, 59). Aqui, o texto de Marília Garcia é bastante elíptico, e não podemos senão perguntar: para que serve este teste? Que doenças se pretende despistar por este meio? Se o objectivo é testar a visão, não bastaria ler letras soltas, ou simples imagens? E, claro, porquê um texto de Diderot?

Antes de tentar responder a pelo menos algumas destas questões, recordo que *Parque das ruínas* explicita mais adiante qual é o texto lido:

era um verbete da enciclopédia de diderot:

‘Prova ensaio experiência
Termos que se referem ao modo como passamos a conhecer os
objetos Por meio da prova podemos ter certeza de que a coisa tem a
qualidade que julgamos ter Por meio do ensaio vemos quais
são suas qualidades [...]

Dizemos de um homem que ele é experimentado numa arte se ele
a pratica há muito tempo de uma arma que foi aprovada
se ela aguentou determinada quantidade de pólvora
e que ensaiamos/provamos uma roupa se a usamos uma primeira
vez para ver se caiu bem’
(Garcia 2018, 66)

Portanto: Diderot, a *Encyclopédie*, o século XVIII, o Iluminismo. Um teste em que se lê um texto que define a ideia de teste. Um texto em francês, escrito em caracteres latinos (será que um palestinião, um ucraniano, um yanomami conseguem ler esses caracteres tão facilmente como um sueco, um alemão, um inglês?). Um texto fundamental da época das Luzes, da Razão. E, claro, um texto icónico da cultura francesa, uma metonímia da história da França. Uma fronteira.

A ‘imigrante’ testada em *Parque das ruínas* está habituada a ler autores como Charles Bernstein, Emmanuel Hocquard, Haroldo de Campos, Jean Starobinski ou Avital Ronell, e decerto não tem qualquer problema em ler, interpretar ou até criticar um texto de Denis Diderot. Mas pergunto-me se não haverá algo de intimidante em ter de ler, num teste, um texto da exigência conceptual que define a *Encyclopédie*. Quero dizer: Diderot como anfitrião da França pode revelar-se consideravelmente intimidante, ou inacessível. Por outro lado, o testado lê um texto sobre o teste; um texto sobre os conceitos de «*Prova ensaio experiência*», ou seja, «*Termos que se referem ao modo como passamos a conhecer os | objetos*», e o testado não pode deixar de pensar que ele próprio é, neste momento, um *objecto* a *conhecer*. Lê que «*Por meio da prova podemos ter certeza de que a coisa tem a | qualidade que julgamos ter*», e compreende que a sua própria suposta qualidade está a ser julgada. A prova, diz a enciclopédia, é a operação que permite ter a certeza de que o *objecto* é mesmo o que parece ser. E o ‘imigrante’ percebe que ele próprio é esse *objecto* que precisa de demonstrar o seu carácter genuíno, a sua fidedignidade.

Para terminar, acrescento uma inquietação pessoal: não sei se este uso do texto da *Encyclopédie* faz justiça ao pensamento de Diderot. Trata-se de um autor iluminista, que prepara a derrocada do Antigo Regime, e que anuncia valores humanistas como *liberté, égalité, fraternité*. É de Diderot uma entrada na *Encyclopédie* sobre «Humana (espécie)», de que cito algumas linhas:

não há senão uma única raça de homens [...]. Tudo nos leva portanto a provar que o género *humano* não é composto por espécies essencialmente diferentes. [...]

Originalmente só há, portanto, uma única raça de homens que, tendo-se multiplicado e espalhado pela superfície da terra, deu lugar, com o tempo, a todas as variedades. (Diderot 1997, 89-90)

Numa fronteira, num teste de oftalmologia, não seria muito mais interessante dar a ler ao ‘imigrante’ este verbete da *Enciclopédia*?

Referências bibliográficas

- Agier, M. (2002). *Aux Bords du monde, les réfugiés*. Paris: Flammarion.
- Beraldo, J. de A. (2025). «‘Eu observo e descrevo’: os usos de um comando naturalista em ‘então descemos para o centro da terra’, de Marília Garcia». *eLyra*, 25, 43-58. <https://doi.org/10.21747/21828954/ely25a3>.
- Butler, J. (2016). *Frames of War: When Is Life Grievable?*. Londres; Nova Iorque: Verso.
- Diamond, J. (1997). *Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies*. New York; London: W.W. Norton & Company.
- Diderot, D. (1997). *A Enciclopédia. Textos escolhidos*. Trad. de L. Tito de Morais. 2ª ed. Lisboa: Estampa.
- Frias, J.M. (2022). «Apesar das ruínas, testar a memória». Garcia, M., *Parque das ruínas*. Lisboa: Mariposa Azul, 85-92.
- Garcia, M. (2006). *20 poemas para o seu walkman*. São Paulo: CosacNaify.
- Garcia, M. [2014] (2022). *Um teste de resistores*. 2ª ed. Lisboa: Mariposa Azul.
- Garcia, M. [2018] (2022). *Parque das ruínas*. Lisboa: Mariposa Azul.
- Garcia, M. (2023). *Expedição: nebulosa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da inimizade*. Trad. de M. Lança. Lisboa: Antígona.
- Santiago, S. (2019). *Uma literatura nos trópicos*. Edição ampliada. Recife: Cepe Editora.
- Simpson, P. (2013). «‘Um jogo de mapas’ ou sobre *Engano geográfico* de Marília Garcia». *Contexto*, 23, 75-93. <https://doi.org/10.47456/contexto.v%25vi%25i.8245>.
- Sontag, S. (1998). *A doença como metáfora e a Sida e as suas metáforas*. Trad. de J. Lima. Lisboa: Quetzal.

